

Vozes negras e suas amplificações nas artes visuais brasileiras

Black Voices and their amplifications in Brazilian Visual Arts

Igor Moraes Simões

 0000-0001-7107-7951
professorigor@gmail.com

Um grupo de sujeitos negros adentra os espaços expositivos das principais galerias e museus de São Paulo. Estamos diante de uma performance. A estranheza se estabelece e surge da presença de corpos não recorrentes naqueles espaços. O Coletivo Presença Negra, encabeçado pelo artista negro brasileiro Moisés Patrício, dá as cartas e as caras do cenário das artes visuais brasileiras. Um lugar forjado pelas mesmas tentativas de apagamento e branqueamento que tomam os diferentes períodos da história do país. As artes visuais no Brasil sempre foram lugar marcado pela presença de mãos negras. Desde o período colonial é possível encontrar essas vozes que ergueram marcos como a arte nomeada barroca, passando por uma permanência marcada no contexto da arte acadêmica e se estendendo pelos modernismos e por aquilo que temos chamado de arte contemporânea. Vozes negras são presença indelével na arte local.

No país que conta com 54% de homens e mulheres que se declaram negros, a raça e a racialização são categorias incontornáveis em qualquer abordagem sobre formas de vida e pensamento. Sendo assim, de que maneira poderíamos aventar a possibilidade de uma história da arte brasileira que não passasse por essa dimensão? Inacreditavelmente, temos de afirmar que foi exatamente essa a operação produzida na história e na historiografia da arte em terras brasileiras. Exemplo sintomático aparece no pouco espaço que nomes como Manuel Raymundo Querino (1851-1923), artista negro, militante social e responsável por inventariar a participação de homens negros nas artes baianas do final do século 19 e início do 20, ainda ocupam na historiografia brasileira da arte.

A história da arte, disciplina de matriz europeia, (re)nasce naquele continente como contemporânea dos cruéis processos de escravização que se apoiaram no deslocamento de corpos negros coisificados para produzir riquezas entre os

séculos 16 e 19. A disciplina em terras brasileiras se esculpe no exato tempo em que são erguidas as fundações das figuras do artista, dos princípios de modernidade europeia e dos agentes que ocupam a centralidade nos sistemas da arte. Sendo assim seus estatutos, formas de construção, narrativas, categorias e marcos temporais exigem contínua revisão em territórios coloniais. Embora a compreensão dessa necessidade seja presente nas aparições da disciplina em terra Brasil, a intersecção com os elementos de um passado de escravidão e as formas de existência de indivíduos negros em sociedades pós-coloniais ainda não é tão frequente, como exige o caso brasileiro. A racialização e seus artifícios exigem o posto de marca indispensável das nossas narrativas, estejamos falando da arte nomeada afro-brasileira ou de toda a outra parcela que se permite não nomear.

A vida de homens e mulheres negros (e brancos) no Brasil continua estruturada a partir do racismo que encontrou maneiras muito sofisticadas de se metamorfosear para continuar existindo. Ainda é negra a maioria dos corpos exterminados pelas polícias, ainda são maioria os corpos negros encarcerados, ainda são os corpos negros que constituem a enorme população dos homens e mulheres que vivem situações precárias. Urge também afirmar com veemência que o propalado mito da democracia racial, baseado em uma construção de nação em que diferentes povos teriam constituído formas amistosas de trocas e contatos é uma miragem que nunca espelhou a realidade brasileira.

Assim urge pensar nossa historiografia da arte diante desses dados. Boa parte dos nossos historiadores e críticos ainda tem as questões de negritude como elemento de menor peso em seus empreendimentos teóricos. Mesmo diante disso é necessário afirmar a importância de ações governamentais que vinham entre 2003 e 2016 permitindo mediante políticas públicas a garantia de bancos acadêmicos para jovens negros nas universidades, o que influenciou o aparecimento de uma nova geração de pesquisadores que tomaram as questões de raça como ponto fundante de suas análises. Trabalhos de fôlego como aqueles que vêm sendo empreendidos por teóricos negros como Hélio Menezes (2018), Renata Felinto Santos (2016) e Janaina Barros (2018) também marcam a presença dessas vozes no campo teórico das visualidades brasileiras, implodindo com uma construída noção de escassez de sujeitos negros em condições intelectuais capazes de pensar a arte brasileira. Nenhuma ação

contemporânea que pretenda inventariar escritas das histórias da arte locais pode ser pensada sem a contribuição de nomes anteriores como Kabengele Munanga (1940), Abdias do Nascimento (1914-2011) e Emanuel Araújo (1940), que, atualmente dirige o Museu Afro-Brasil, situado em São Paulo e que até hoje é uma das únicas instituições brasileiras com foco na contribuição de homens e mulheres negros no campo da arte, da cultura e do pensamento.

Araújo foi diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo sendo diretamente responsável por incluir no acervo da instituição número relevante de trabalhos de artistas negros e negras de diferentes épocas e procedências. Em 2016, a Pinacoteca, reuniu à homenagem ao antigo diretor a mostra intitulada Territórios: artistas afrodescendentes no acervo da Pinacoteca. A Pinacoteca era na época dirigida por Tadeu Chiarelli, que tomou a raça como um dos eixos de leitura da coleção da instituição e como norteador para aquisições de artistas indispensáveis como Rosana Paulino (1967), Sidney Amaral (1973-2017), Jaime Lauriano (1985), Rommulo Conceição (1968). A exposição também marcou uma onda baseada em mostras que cada vez mais tomam como marcadores as questões relativas à raça. Entre elas é urgente trazer exemplos de outras exposições, também ocorridas em São Paulo, como Agora Somx Todx Negrx?(2017), com curadoria de Daniel Lima; Diálogos ausentes (2016/2017), com curadoria de Rosana Paulino e Diane Lima; e Histórias afroatlânticas (2018), em que o time fixo de curadores brancos do Museu de Arte de São Paulo (Masp) contou com a presença do já citado Menezes, além do artista negro Ayrson Heráclito. As exposições têm sido as responsáveis por inscrever nossos corpos, mentes e construções de conhecimento artísticos no horizonte das artes no país, permitindo a constituição de potentes ilhas de edição de narrativas complexas que ensaiam novas tomadas epistemológicas para escritas da arte quando crivadas pela produção contemporânea de homens e mulheres negros brasileiros.

A produção de nossos artistas negros constitui seção indispensável para novas miradas sobre os negros do país e as estratégias tomadas pelo campo da arte. As mulheres negras com as bocas suturadas na série Bastidores (1997) de Rosana Paulino, o menino de feições negras que se cobre de tinta branca na escultura *Amnésia* (2015), de Flavio Cerqueira (1983), a série Lojas Africanas, de Leandro Machado (1970), as ações de Jota Mombaça (1991), que tem atuado nas

Arte & Ensaios
vol. 27, n. 41,
jan.-jun. 2021



Figura 1
Rosana Paulino, *Bastidores*,
imagem transferida sobre
tecido, bastidor e linha de
costura, 30cm de diâmetro,
1997, gentilmente cedida
pela artista



Figura 2
Flavio Cerqueira, *Amnesia*,
látex sobre bronze,
129 x 42 x 41cm, 2015,
gentilmente cedida
pelo artista
Foto: Romulo Fialdini

intersecções entre raça, teorias *cuir* e pós-colonialismo, sendo hoje uma das figuras mais interessantes da arte contemporânea brasileira – todos exigem continuamente a assunção de ferramentas que sejam capazes de se mover entre os tempos dos tumbeiros, as diferentes ficções de modernidade, as permanências e estratégias de resistências de agentes negros na vida e nas artes visuais brasileiras e seu entrelaçamento com as experiências afrodiáspóricas. Esses dados não podem mais ser adendo nas pesquisas empreendidas no campo da história da arte brasileira, bem como da sua crítica e de empreendimentos curatoriais, sob o risco de incorrerem em abordagens superficiais ou completamente esvaziadas dos sentidos que evocam. As proposições poéticas de artistas negros brasileiros reúnem diferentes temporalidades e provocam outras histórias para a arte. Histórias que não podem continuar a fazer ouvidos moucos diante das vozes que as assombam, assaltam suas certezas e exigem ocupar o centro dos debates em um tempo turvo da sociedade e da vida democrática brasileira.

Igor Moraes Simões *é doutor em artes visuais – história, teoria e crítica da arte (PPGAV-UFRGS) e professor adjunto de história, teoria e crítica da arte, bem como de metodologia e prática do ensino da arte (UERGS). Foi curador educativo da Bienal 12 (Bienal do Mercosul) e membro do comitê de curadoria da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (Anpap), do Núcleo Educativo UERGS-MARGS e do comitê de acervo do Museu de Arte do RS-MARGS. Trabalha com as articulações entre exposição, montagem fílmica, histórias da arte e racialização na arte brasileira e visibilidade de sujeitos negros nas artes visuais. Autor da tese Montagem fílmica e exposição: vozes negras no cubo branco da arte brasileira. Faz parte do Flume-Grupo de Pesquisa em Educação e Artes Visuais. Contribui com publicações brasileiras e estrangeiras, bem como eventos nacionais e internacionais.*

Referências

BARROS, Janaína. *A invisível luz que projeta a sombra do agora: gênero, artefato e epistemologia na arte contemporânea brasileira de autoria negra*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, USP, 2018.

MENEZES, Hélio. *Entre o visível e o oculto: a construção do conceito de arte afro-brasileira*. Dissertação de Mestrado. Catálogo USP, São Paulo, 2018.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto. *A construção da identidade afrodescendente por meio das artes visuais contemporâneas: estudos de produções e de poéticas*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de São Paulo. Instituto de Arte, 2016.

Como citar:

SIMÕES, Igor Moraes. Vozes negras e suas amplificações nas artes visuais brasileiras. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 27, n. 41, p. 448-453, jan.-jun. 2021. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n41.26>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>